

# O Paradigma de Pesquisa Histórico-Cultural de Vygotsky:

a Luta por uma Nova Psicologia

Mohamed Elhammoumi

**Como citar:** ELHAMMOUMI, M. O Paradigma de Pesquisa Histórico-Cultural de Vygotsky: a Luta por uma Nova Psicologia. *In*: BARBOSA, M. V.; MILLER, S.; MELLO, S. A. (org.). **Teoria histórico-cultural** : questões fundamentais para a educação escolar. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p.25-36. DOI: <https://doi.org/10.36311/2016.978-85-7983-772-2.p25-36>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# O PARADIGMA DE PESQUISA HISTÓRICO-CULTURAL DE VYGOTSKY: A LUTA POR UMA NOVA PSICOLOGIA<sup>1</sup>

*Mohamed Elhammoumi*

Uma psicologia que não esta [psicologia marxista] não pode existir [...] tudo o que foi e é genuinamente científico pertence à psicologia marxista. Este conceito [...] coincide com o conceito científico por si só. (1997, v.3, p. 341).

Em um de seus primeiros trabalhos, Marx diz que se a psicologia deseja tornar-se uma ciência realmente significativa, ela terá de aprender a ler o livro da história da indústria material que incorpora “os poderes essenciais do homem”, e que em si é uma forma de realização concreta da psicologia humana. À medida que isso acontece, toda a tragédia interna do capitalismo consiste no fato de que no momento em que este objetivo, ou seja, a psicologia do homem, objetivamente orientada, que continha em si mesma um potencial infinito para dominar a natureza e o desenvolvimento de sua própria natureza, foi crescendo a um ritmo rápido, sua vida espiritual real foi se degradando e passou pelo processo que Engels descreveu tão vividamente como a mutilação do homem. (Vygotsky, 1994, p. 180)

---

<sup>1</sup> Traduzido por Suely Amaral Mello – Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e membro do Grupo de Pesquisa “Implicações pedagógicas da Teoria Histórico-Cultural” da Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp – *Campus* de Marília.

## INTRODUÇÃO

O paradigma de pesquisa histórico-cultural de Vygotsky foi concebido dentro do quadro teórico do materialismo dialético e da concepção materialista da história. O paradigma histórico-cultural de pesquisa de Vygotsky assumiu a posição de que a realidade é inerentemente material e dialética. Ou seja, toda a natureza e todos os seres vivos estão em constante movimento, mudança, e estão, portanto, em constante transformação. Deste ponto de vista, cada estágio do desenvolvimento humano é o produto de contradições que são inerentes ou implícitas em fases anteriores.

Este conceito foi formulado pela primeira vez por Hegel, e mais tarde mais plenamente desenvolvido por Marx e Engels. Hegel descreveu este conceito com o termo “*aufheben*”, o que significa, grosso modo, “remover mantendo”. Este termo é, em geral, traduzido pelo termo “superação”. Assim como Marx e Engels, Vygotsky usou o conceito dialético de *aufheben*, ou superação, para entender e explicar o desenvolvimento cognitivo humano, funções mentais superiores e o desenvolvimento do comportamento humano. Vygotsky, então, estendeu essa abordagem à psicologia humana. Ele usou uma abordagem materialista dialética para ajudar a explicar como funções mentais elementares tais como atenção elementar e percepção se transformam em processos psicológicos superiores humanos, tais como atenção voluntária, formação de conceitos, pensamento abstrato, generalização e imaginação.

Marx explicou que o ser humano é “um conjunto de relações sociais”, tal como formulado na *Sexta Tese sobre Feuerbach* e bem elaborado e desenvolvido em *Os cadernos Etnológicos*. Essa visão, compartilhada por Vygotsky, é uma visão profundamente *materialista e dialética* do indivíduo humano e da natureza humana. O indivíduo, para Vygotsky, é uma entidade *social*. Ou seja, Vygotsky via o indivíduo como *internamente* social. Ele explicou: “Eu sou uma relação social de mim para mim mesmo”. A abordagem psicológica de Vygotsky em relação ao indivíduo humano significa muitas coisas importantes para nós hoje. Uma delas é que a atividade humana e as funções psicológicas superiores, como a consciência e a personalidade, são produtos sociais que se desenvolvem como resultado de processos sociais.

Ou seja, os processos psicológicos humanos se desenvolvem como um resultado do modo de produção, relações sociais, ferramentas, signos e assim por diante, de uma sociedade. A este respeito, a teoria histórico-cultural viu o indivíduo humano como a interiorização das relações sociais. Portanto, o objeto da psicologia não é o indivíduo abstrato e particular, mas o indivíduo social e o indivíduo classe. Marx argumentou que,

[...] a diferença entre o indivíduo particular e o indivíduo classe, a natureza accidental das condições de vida do indivíduo, aparece apenas com o surgimento da classe, que é em si um produto da burguesia. Este caráter accidental, como tal, só é gerado e desenvolvido pela competição e a luta dos indivíduos entre si (1998, p. 87).

As funções mentais superiores do indivíduo social são baseadas no contexto cultural, histórico e social. Isso nos leva ao ponto de que a psicologia histórico-cultural está bem equipada teoricamente, metodologicamente e epistemologicamente para fazer face às funções humanas mentais superiores, personalidade, atividade humana e mudança social consciente.

### **A TEORIA DE VYGOTSKY DAS FUNÇÕES MENTAIS SUPERIORES E A SEXTA TESE SOBRE FEUERBACH**

A ideia de reestruturação da psicologia na década de 1920 alinhada às teses marxistas encontrou diferentes dificuldades, teoricamente, epistemologicamente, ontologicamente, metodologicamente e filosoficamente. Vygotsky definiu a tarefa de desenvolver uma psicologia marxista. Ele argumentava que o caminho para sair da crise da psicologia era voltar aos escritos de Marx. Ele extraiu sua inspiração de Marx e da filosofia materialista. Até o final dos anos 1920 e início dos anos 1930, ele desenvolveu a teoria histórico-cultural fundamentada no quadro teórico da concepção materialista da história e do materialismo dialético. O estudo da atividade humana, em vez do comportamento, é o estudo da história da atividade humana, ou, o comportamento do homem só pode ser entendido como a história do comportamento. A história é, acima de tudo, dialética, bem como o materialismo histórico. A atividade humana é governada nas relações sociais. Vygotsky argumentou que, “a relação das funções psicológicas está geneticamente [do ponto de vista do desenvolvimento] ligada a relações reais entre as pessoas”

(1989, p. 57). As relações sociais são as forças motrizes das funções psicológicas superiores, “geneticamente relações sociais, relações reais entre as pessoas, são a base de todas as funções superiores e suas relações” (Vygotsky, 1989, 58). Psicologia é o estudo do indivíduo social. O indivíduo social é o objeto da psicologia. A unidade de análise da psicologia são as relações sociais. Nesse contexto, Vygotsky afirmou que:

(1) o mais geral: todas as coisas culturais são sociais; (2) um signo ou símbolo independente do organismo, tal como uma ferramenta, é um meio social; (3) todas as funções superiores evoluem na filogenia não biologicamente, mas socialmente; (4) o significado mais grosseiro: o mecanismo de tais funções é uma cópia do social. Elas são relações internalizadas de uma ordem social, transferidas para a personalidade individual, a base da estrutura social da personalidade (1989, p. 58).

Estas ideias foram desenvolvidas e fundamentadas em “As seis Teses sobre Feuerbach” (1845). Nesse texto, Marx afirma que, “a essência humana é ... o conjunto das relações sociais”. Parafraçando Marx, Vygotsky coloca a questão desta forma: “a natureza psicológica do homem é a totalidade das relações sociais deslocada para a esfera interna e tendo se tornado funções da personalidade e formas de sua estrutura” (1989, p. 59). O desenvolvimento cultural, o desenvolvimento histórico e o desenvolvimento social são as forças motrizes de todas as funções mentais humanas. Indivíduo social para Vygotsky “não é nem um sujeito lógico (Hegel), nem uma soma, organismo. É um agregado de relações sociais, consubstanciando em um indivíduo (funções psicológicas construídas de acordo com a estrutura social)” (1989, p. 66). Marx argumentou em O Capital que a natureza humana e as operações cognitivas humanas eram sempre subordinadas aos modos de produção. Ele destacou nas Teses sobre Feuerbach (MARX, 1845) que não é a dialética da consciência humana que explica a vida material concreta humana e a história humana, mas é a vida material concreta dos indivíduos sociais que explica a consciência humana e a história humana.

A consciência humana e a história humana são apenas o produto da vida material concreta e das propriedades da vida social objetiva. Da mesma forma, os processos mentais humanos superiores de pensamento, consciência e atividade estão enraizados na atividade humana histórica-

mente organizada. Em última análise, os processos mentais humanos superiores de pensamento, consciência e atividade são enquadrados e moldados pela atividade humana culturalmente organizada.

### **A PSICOLOGIA DEVE ABORDAR A QUESTÃO DA MUDANÇA SOCIAL PROFUNDA E CONSCIENTE.**

A Psicologia deve salientar a consciência e a mudança consciente como um aspecto fundamental da atividade humana. Tolman destacou que “a psicologia é um esforço inevitavelmente político” (1994, p. 8). Staeuble afirmou que a “teoria deve aplicar-se a algo. No entanto, uma vez que esse algo [...] não é neutro, mas estruturado pela sociedade, a teoria não pode prescindir de uma concepção adequada da sociedade” (apud TOLMAN, 1994 p. 17). Em sua avaliação crítica da psicologia vigente, Staeuble (1968, apud TOLMAN, 1994) concluiu que:

Olhando para as áreas em que os psicólogos têm sido especialmente ativos, deve-se concluir que,

(A) trabalham a serviço imediato do imperialismo (investigação militar, ‘defesa psicológica’);

(B) trabalham a serviço da economia capitalista (pesquisa de mercado, publicidade);

(C) eles têm um efeito indireto sobre a estabilização da ideologia burguesa (pesquisa sobre comunicação e opinião);

(D) eles fazem avançar o desempenho eficiente de indivíduos dentro do sistema desta sociedade (métodos de seleção de todos os tipos, psicologia industrial, aconselhamento profissional); e

(E) eles estão contribuindo para conformidade social (todos os tipos de aconselhamento) (STAEUBLE, 1968, apud TOLMAN, 1994, p. 8).

### **A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL É PROFUNDAMENTE ENRAIZADA NO MARXISMO**

O paradigma de Hegel na filosofia surgiu a partir do impacto da Revolução Francesa e a filosofia materialista histórico-dialética de Marx surgiu a partir do impacto de uma nova era de revoltas proletárias (as revoltas de 1838, a revolução de 1848, a Primeira Internacional de 1864, a Comuna de Paris de 1871). A psicologia marxista de Vygotsky surgiu a

partir do impacto de uma nova forma de organização social das relações de produção (revolução de outubro de 1917), bem como da crise da própria psicologia - diagnosticada por Bühler, 1926, 1927; Driesch, 1925; Koffka, 1926; Kostyleff, 1911; e Politzer, 1928. Vygotsky tem sido considerado até o tempo presente como uma curiosidade histórica, em vez de uma força influente entre os psicólogos marxistas. Ele ainda é um psicólogo enigmático para o leitor de língua inglesa. Eu tenho mostrado em outros lugares (ELHAMMOUMI, 2001, 2002, 2006, 2015) que uma leitura objetiva de Vygotsky via Marx é imperativa. Eu também tenho insistido na centralidade dos conceitos marxistas para qualquer entendimento da dinâmica da vida mental humana superior, da consciência e da atividade prática coletiva. A atividade prática não é o oposto da mediação semiótica; a consciência humana se desenvolve por meio da unidade necessária, a unidade em seu movimento dialético. Nesse movimento dialético, os signos se tornam “uma arena de luta de classes [...] o choque de expressões sociais vivas” (VOLOSINOV, 1973, p. 23). O desenvolvimento da vida humana mental, da consciência e da personalidade deve ser entendido como uma luta contínua e uma resolução de contradições. É surpreendente que as ideias marxistas tenham sido obliteradas no processo de apropriação de Vygotsky no Ocidente (ELHAMMOUMI, 2001, 2002, 2006).

Em conclusão, isso significa que a psicologia marxista deve permanecer dentro da órbita do paradigma de Marx. Vygotsky afirmou que, “a psicologia marxista não é uma escola em meio a escolas, mas a única psicologia genuína como ciência” (1997, v.3, p. 341). A dialética marxista é a base filosófica e epistemológica do paradigma histórico cultural de pesquisa de Vygotsky. A esse respeito, Witte argumentou que

[...] os esforços de Luria e de Vygotsky estiveram focados no desenvolvimento de uma psicologia marxista, incluindo uma acomodação dos processos dialéticos hipotetizados para operar entre os humanos como seres naturais e biológicos e os humanos como seres culturais e sociais. Claramente, o conhecimento e concordância filosófica de Vygotsky e Luria em relação a Marx e Engels os levou à realização de determinados temas e ideias em seu próprio trabalho. Esse trabalho focou em dois projetos grandes e articulados: (a) entender as origens e a natureza da consciência humana e (b) compreender o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, tais como a atenção voluntária e memória lógica. O primeiro desses projetos é geralmente entendido em termos

filogenéticos e, o segundo, em termos ontogenéticos. Para ambos os projetos, o princípio de atividade, de uma forma ou de outra, foi crucial (2005, p.130).

## PSICOLOGIA E MUDANÇA NA NATUREZA HUMANA

No núcleo da psicologia marxista está a formulação das leis das funções mentais superiores humanas, da consciência e da atividade humana, uma ciência das funções mentais superiores humanas. Essas leis podem ser resumidas em três proposições principais. Em primeiro lugar, está a lei geral do desenvolvimento cultural, que significa que as funções mentais superiores humanas têm a sua origem nos processos de relações sociais de produção. Em segundo lugar, está a lei da mediação semiótica, que significa que as funções mentais superiores humanas só podem ser compreendidas se entendermos os signos e as ferramentas que as medeiam. Em terceiro lugar, está o método genético que significa que as funções mentais superiores humanas podem ser entendidas apenas nos processos do seu desenvolvimento e crescimento. A Psicologia é a ciência da produção social do indivíduo, com especial ênfase nas funções mentais superiores, na consciência, na atividade, na práxis e na vida interior. Nesse sentido, Politzer destacou que “A Psicologia de maneira nenhuma detém o ‘segredo’ dos assuntos humanos, simplesmente porque este ‘segredo’ não é de ordem psicológica” (1929, p. 170). Não há, de fato, e nunca houve, indivíduos humanos produzidos e formados fora da sociedade. Os indivíduos humanos e seu desenvolvimento são produtos da sociedade. Em outras palavras, a natureza psicológica dos seres humanos representa o agregado de relações sociais internalizadas que se tornaram funções para o indivíduo e, nesse processo, estrutura suas funções mentais superiores (VYGOTSKY, 1981, p. 164). Assim, a psicologia marxista coloca a atividade humana e a práxis humana - atividade de trabalho - no centro de toda a produção do desenvolvimento, social e individual. Vygotsky incorporou o conceito de trabalho de Marx - atividade e práxis - à sua abordagem ontológico-epistemológica ao estudo das funções mentais superiores. Vygotsky argumentou que, “o trabalho é aquele pivô fundamental em torno do qual a vida da sociedade é estruturada e erigida. A vida social do homem e seu estudo da natureza estão ligados à atividade do trabalho” (1993, p. 119), e “é o trabalho que criou o homem.” (1994,



p. 183). “Trabalho, sociedade e natureza são os três canais fundamentais que orientam o trabalho educacional e formativo na escola” (1993, p. 11), e acrescentou que “mesmo o intelecto do ser humano não poderia ter se desenvolvido fora das condições da atividade especificamente humana, em particular, fora do trabalho” (1993, p. 236).

Os psicólogos têm interpretado a natureza humana, o comportamento e as funções mentais superiores de várias maneiras, mas o seu objetivo é mudar a natureza humana. Esta última tese pode ser expandida um passo à frente ao afirmar: se quisermos mudar a natureza humana devemos mudar as relações sociais de produção. Em minha opinião, *relações sociais de produção* é a unidade de análise da psicologia, como a *célula* é a unidade de análise para a biologia, o *átomo* é a unidade de análise para a física, e *valor* é a unidade de análise para a economia. Relações sociais de produção como uma unidade de análise irão liberar a psicologia de ser limitada principalmente ao público acadêmico para tornar-se uma psicologia que está envolvida no desenvolvimento de potencialidades dos indivíduos humanos, ampliando a consciência, emancipação e libertação, assim como superando a alienação e reificação da produção mental humana.

Isto leva a supor que o indivíduo humano tem mudado a natureza psicológica e que, à medida que a sociedade desenvolve novas relações sociais, novas formas de funções mentais superiores e consciência emergem. Para Marx, qualquer psicologia que tenha ignorado o desenvolvimento histórico da atividade de trabalho humano e da consciência humana não poderia se tornar uma ciência psicológica genuína e real.

## **PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: INTERPRETAÇÕES PÓS-MODERNAS E FUNDAMENTALISTAS**

Embora as ideias psicológicas de Vygotsky tenham estado disponíveis desde 1929, 1939 (em inglês), esses escritos não foram notados por psicólogos capazes de apreciar o valor e a importância de seu conteúdo. Esses manuscritos atraíram alguns psicólogos contemporâneos e necessitam ser redescobertos. A fim de compreender as ideias psicológicas de Vygotsky, é necessário abandonar quadros teóricos psicológicos prévios e abordar com um novo olhar perguntas como: Qual é a tarefa da psicologia?

Como funções mentais superiores se formam? O que molda a nossa cognição, consciência e personalidade?

Isso leva a pensar que, se você quiser entender o que acontece na história social das funções mentais superiores do ser humano, na personalidade e na consciência, o melhor ponto de partida é olhar para as relações econômicas de produção na referida sociedade e tentar encaixar tudo o mais dentro disso. As relações sociais de produção são a pedra angular que regula a vida social concreta, o comportamento governado por regras, a consciência, a atividade, as funções mentais superiores e a vida interior. As relações sociais de produção regulam o nosso modo psicológico de produção, as forças psicológicas de produção e os meios psicológicos de produção. A produção de todas as ferramentas cognitivas humanas como a produção do pensamento, da consciência, da personalidade molda a maneira de nos comportar e agir na atividade prática socialmente organizada.

Em relação a isso, Vygotsky argumentou que,

[...] a personalidade humana é formada, basicamente, sob a influência das relações sociais, ou seja, o sistema do qual somos parte, a partir da mais tenra infância em diante. ‘Minha relação com meu ambiente’, diz Marx, ‘é minha consciência.’ Uma mudança fundamental de todo o sistema dessas relações das quais o ser humano é parte, conduzirá inevitavelmente a uma mudança na consciência, a uma mudança em todo o comportamento do ser humano (1994, p. 181).

A história da psicologia histórico-cultural tem sofrido muito com o uso, por psicólogos, de material de segunda mão e a consequente destruição das circunstâncias (dominância de versões positivistas do marxismo) e do clima intelectual (no sentido de um sistema intelectual que oferece uma interpretação total de ser humano em um plano metafísico e filosófico) em que foram feitas as grandes descobertas da psicologia histórico-cultural. Isto leva-nos à ideia de que a natureza humana é revelada na mudança. Um estudo em primeira mão é sempre instrutivo, promotor de novas descobertas e muitas vezes, como neste caso, cheio de surpresas. Em geral, eu acho que a maioria dos trabalhos em “psicologia histórico-cultural” tem ficado muito perto tanto na forma como no conteúdo da epistemologia pós-modernista e da epistemologia fundamentalista de Descartes, Locke e

Kant (projeto cartesiano-lockeano-kantiano de fundamentalismo), o que significa a tentativa de justificar o nosso efetivamente verdadeiro conhecimento da natureza, da sociedade e do mundo real. O uso dessas epistemologias não tem levado ao desenvolvimento de uma verdadeira compreensão das funções mentais superiores e da natureza humana. Psicólogos histórico-culturais (LEONTIEV, 1959; LURIA, 1966; HOLZKAMP, 1992; SÈVE, 1978; ZAZZO, 1971, 1995; COLE, 1996; ENGESTRÖM, 1987; WERTSCH, 1991; VALSINER, 1998; VAN DER VEER, 2007; PARKER, 2007; ROTH, 2007, entre outros) realizaram um trabalho muito importante e fizeram algumas contribuições reais, particularmente no campo do desenvolvimento mental humano. Mas, em geral, eu acho que eles tentaram produzir uma versão histórico-cultural da psicologia que tem a mesma forma que as epistemologias pós-modernistas e fundamentalistas, encaixando-se perfeitamente nas mesmas categorias acadêmicas: cognição, motivação, percepção, inteligência, atenção, desenvolvimento, etc.

Isso é compreensível no contexto das políticas acadêmicas (Staeuble 1968 apud Tolman 1994) daquela época. A melhor ferramenta teórica para a psicologia histórico-cultural se re-conceituar é o próprio marxismo. Minha intenção neste artigo, portanto, é a de contribuir para o esforço de fazer avançar as concepções teóricas de Vygotsky como um paradigma alternativo totalmente genuíno. Ele tem muito a contribuir para a nossa compreensão das funções mentais superiores e da natureza da natureza humana.

## REFERÊNCIAS

- BÜHLER, K. *Die krise der psychologie*. Frankfurt: Ungekürzte Ausg, 1927.
- BÜHLER, K. Die krise der psychologie. *Kant Studien*, v.31, n.51, p.455-526, 1926.
- COLE, M. *Cultural psychology: a once and future discipline*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1996.
- DRIESCH, H. *The crisis in psychology*. Princeton, NJ: Princeton University press, 1925.

ELHAMMOUMI, M. *Is there a Marxist psychology?* In: SAWCHUK, P.; DUARTE, N.; ELHAMMOUMI, M. (Ed.). *Critical perspectives on activity theory: explorations across education, work and the everyday life*. New York: Cambridge University Press, 2006. p. 23-34.

ELHAMMOUMI, M. Marxist psychology and dialectical method. In: PARKER, Ian (Ed.). *Handbook of Critical Psychology*. London: Routledge, 2015. p. 271-279.

ELHAMMOUMI, M. Recepción de Vigotsky en América Latina: terreno fértil para una psicología materialista. In: GOLDER, M. (Ed.), *Vigotsky: psicólogo radical*. Buenos Aires: Ateneo Vigotskiano de la Argentina, 2001. p.51-66.

ELHAMMOUMI, M. *To create psychology's own capital*. *Journal for The Theory of Social Behavior*, v.32, n.1, p.89-104, 2002.

ENGESTRÖM, Yrjö. *Learning by expanding: an activity theoretical approach to developmental research*. Helsinki: Orienta-Konsulti, 1987.

HOLZKAMP, K. On doing psychology critically. *Theory & Psychology*, v.2, p.193-204, 1992.

KOFFKA, K. Zur Krisis in der psychologie: bemerkungen zu dem buch gleichen namens von Hans Driesch. *Die Naturwissenschaften*, v.14, n.25, p.581-586, 1926.

KOSTYLEFF, N. *La crise de la psychologie expérimentale: le présent et l'avenir*. Paris: Alcan, 1911.

LEONTIEV, A.N. *Problems in the development of the mind*. Moscow: Progress, [1959], 1981.

LURIA, A. R. Vygotski et l'étude des fonctions psychiques supérieures [Vygotsky and the study of higher mental functions]. *Recherches Internationales à la Lumière du Marxisme*, v. 51, p. 93-103, 1966.

MARX, K. ; ENGELS, F. *The German Ideology*. New York: Prometheus Books, 1998.

MARX, K. Theses on Feuerbach. In: MARX, K. ; ENGELS, F. *The German ideology*. New York: Prometheus Books, [1845], 1998. p. 572-574.

PARKER, I. *Revolution in psychology: alienation to emancipation*. London: Pluto Press, 2007.

POLITZER G. *Critique des fondements de la psychologie* [Critique of the foundations of psychology]. Paris: Editions Sociales, 1928.

- POLITZER, G. Où va la psychologie concrète? In: POLITZER, G. *Ecrits II: les fondements de la psychologie*. Paris: Editions Sociales, 1929. p.136-188.
- ROTH, W. M.; LEE, Y. J. “Vygotsky’s neglected legacy”: cultural-historical activity theory. *Review of Educational Research*, v.77, n.2, p.186-232, 2007.
- SÈVE, L. *Man in Marxist theory and the psychology of personality*. Hassocks: Harvester Press, [1968], 1978.
- TOLMAN, C. *An introduction to german critical psychology: an introduction to german critical psychology*. London: Routledge, 1994.
- VALSINER, J. *The guided mind*. Cambridge, Ma.: Harvard University Press, 1998.
- VAN DER VEER, R. *Lev Vygotsky*. New York: Continuum International Publishing Group, 2007.
- VOLOSINOV, V. N. *Marxism and the philosophy of language*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973.
- VYGOTSKY L.S. The collected works of L.S. Vygotsky: problems of the theory and history of psychology. v. 3. New York: Plenum Press, 1997.
- VYGOTSKY, L. S. Concrete human psychology. *Soviet Psychology*, 1989, v.27, n.2, p.53–77.
- VYGOTSKY, L. S. The genesis of higher mental functions. In: WERTSCH, J. (Ed.). *The concept of activity in Soviet psychology*. Armonk, NY: M.E. Sharpe, 1981, p. 144–188.
- VYGOTSKY, L. S. The socialist alteration of man. In: VAN DER VEER, R; VALSINER, J. (Ed). *The Vygotsky reader*. Oxford: Basil Blackwell, 1994, p. 175–184.
- VYGOTSKY, L. *Studies on the history of behavior: ape, primitive and child*. New Jersey: Erlbaum, 1993.
- WERTSCH, J. *Voices of the mind: a sociohistorical approach to mediated action*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1991.
- WITTE, S. P. Research in activity: an analysis of speed bumps as mediational means. *Written Communication*, v.22, n.2, p.127-165, 2005.
- ZAZZO, R. Psychologie et marxisme [Psychology and marxism]. *Bulletin de Psychologie*, v.48, n.421, p.592-611. 1995.
- ZAZZO, R.; FRAISSE, P.; PIAGET, J.; GALIFRET, Y. (Ed.). *Psychologie et Marxisme* [Psychology and Marxism]. Paris: Union Générale d’Editions, 1971.